

Um acolhimento compassivo

por Swami Siddhananda

Em 1972 eu lecionava filosofia indiana e misticismo em um programa experimental em uma faculdade perto de Chicago. Eu havia desenvolvido um interesse por experienciar diretamente os estados de consciência descritos nos antigos textos yogues que eu estava ensinando e decidi que precisava encontrar um Guru se eu quisesse conseguir algum progresso significativo. Consegui organizar uma viagem de dois meses para fazer pesquisa de campo na Índia com doze de meus alunos. Na viagem, eles poderiam aprender mais sobre misticismo, meditação e cultura indiana — e eu talvez encontrasse um Mestre espiritual autêntico.

Pouco antes de partirmos, um amigo que conhecera Baba em 1970, na Califórnia, me aconselhou: “*Não deixe* de ir conhecer Swami Muktananda!” Segui seu conselho e agendei para que nossa primeira parada fosse no Ashram dele. Sem que eu soubesse, esse amigo escrevera para Baba para lhe dizer que um grupo de estudantes americanos planejava ir conhecê-lo enquanto viajavam pela Índia.

No dia 25 de março de 1972, fomos num ônibus de linha regular do aeroporto para o que na época era chamado de Shree Gurudev Ashram (hoje Gurudev Siddha Peeth). O ônibus estava cheio de pessoas indo trabalhar, algumas carregando cestas cheias de mercadorias para serem vendidas e várias acompanhadas por grandes cabras zurrando.

Meus alunos e eu éramos um bando de malucos, vestidos com as roupas dos jovens de nossa geração — calças jeans rasgadas, uniformes de exército, batas pintadas à mão — com todos os nossos pertences enfiados em nossas mochilas.

Quando entramos no Guru Chowk, o pátio central do Ashram, meus olhos se depararam com uma visão surpreendente. Várias dúzias de pessoas,

imaculadamente vestidas em roupas simples de algodão, estavam de pé em silêncio no pátio. Um dos homens chegou até nós e nos cumprimentou:

— Vocês gostariam de conhecer Baba?

— Sim! — respondemos com entusiasmo

A cadeira onde Baba estava sentado era um pouco mais elevada, e pude ver que sua atenção se voltou para nós quando nos aproximamos. Enquanto estávamos sendo apresentados, Baba nos olhava de cima a baixo. Ele até tirou os óculos escuros para ter uma visão melhor. Então, um grande sorriso iluminou seu rosto e ele disse:

— *Ahh*, dá pra ver que todos vocês vêm de boas famílias.

Fiquei encantada com as palavras de Baba. Percebi que ele estava se referindo a algo mais do que às origens de nossas famílias. De alguma forma, senti que Baba podia ver dentro dos nossos corações e estava dizendo que, apesar de nossa aparência descuidada, éramos boas pessoas, com boas intenções.

Baba acolheu nosso pequeno grupo ao seu Ashram com grande amor. Ele nos ofereceu um bangalô reservado para nos alojarmos, na parte superior do jardim, e mandou preparar comida especial para nós, sem as especiarias normalmente fortes.

Na manhã seguinte à nossa chegada, lemos a Programação Diária do Ashram no quadro de avisos. O dia começava às 3h30 e terminava às 21h, e era cheio de atividades obrigatórias: sessões de canto, meditações e períodos de oferecimento de serviço abnegado. O Ashram de Baba era conhecido em toda a Índia por sua disciplina rígida. O próprio Baba havia criado a programação para auxiliar os buscadores a experimentarem seu próprio Ser interior.

Meus alunos ficaram perplexos. Eles não queriam fazer parte daquilo e começaram a arrumar as mochilas para ir embora. Eu me senti dividida.

Queria ficar mais tempo com Baba, mas sendo a pessoa responsável pelo grupo, sabia que se eles partissem eu deveria ir com eles.

Quase imediatamente, recebemos uma mensagem de Baba: “Fiquem por três dias e sejam meus convidados. O único programa que vocês têm que comparecer é ao almoço.”

Os estudantes ficaram encantados. Esse era um compromisso que eles poderiam cumprir. De minha parte, eu fiquei maravilhada e cheia de gratidão por poder ficar e passar mais tempo com Baba. Então desfizemos nossas mochilas e nos acomodamos.

Baba pediu que um dos residentes nos mostrasse as dependências do Ashram. Depois pediu que outra pessoa nos acompanhasse até a vila de Ganeshpuri para visitar o templo de Bhagavan Nityananda. E, todo dia, eu e meus alunos íamos fielmente almoçar no refeitório Annapurna, onde Baba tinha mandado servir uma refeição separada para nós. Ficamos felizes no Ashram pelos nossos três dias.

Depois que nossa viagem à Índia terminou, vários dos alunos começaram a praticar os ensinamentos do caminho de Siddha Yoga. Eu fui adiante e fiz os votos monásticos, me tornando uma Swami de Siddha Yoga e dedicando minha vida a serviço do Guru.

Sempre que penso em meu primeiro encontro com Baba, lembro-me de sua compaixão ilimitada em tornar possível para cada um de nós, quaisquer que fossem nossas circunstâncias, que recebêssemos sua graça. Foi um acolhimento perfeito.

